



O Senhor recomendou a oração insistente e perseverante: *orai sem cessar; batei e abri-vos-a; procurai e encontrareis; pedi e recebereis.*

A parábola do amigo importuno que vem, no silêncio da noite, rogar ao amigo o empréstimo de três pães, ficará sendo, como tem sido através dos tempos, testemunho eloquente a confirmar o valor da oração insistente e perseverante. Com a Ave Maria a Igreja compôs uma grinalda mística, à qual deu o nome de rosário.

Uma linda preciosa conta que um cavaleiro da Idade Média atravessava a Floresta Negra. Surgiu um bando de ladrões que se preparavam para atacá-lo. O cavaleiro recitava o terço. De repente os ladrões pararam. Dos lábios do cavaleiro assomava uma rosa a cada Ave Maria que recitava. Um anjo recolhia essas rosas e transportava-as ao céu.

Não há prece mais querida dos verdadeiros servos de Maria; ne-

para muitas comunidades religiosas em todo o mundo, não há oração mais católica do que o terço. Foi composto na Idade Média para substituir a recitação do ofício divino por parte de alguns religiosos que não tinham capacidade para aprender a recitá-lo, ou não tinham tempo que lhes restasse dos trabalhos materiais dos conventos.

Hoje é uma prece universal levantada ao céu mesmo pelos que recitam o ofício divino.

Armemo-nos contra a rotina e indolência espiritual que facilmente podem advir de se recitarem repetidas vezes as mesmas fórmulas. A recitação fastidiosa, voluntariamente distraída e dissipada, não é verdadeira oração. O simples movimento de lábios, destituído da elevação da alma para Deus e para os santos, não é oração. Quando nos acometerem as distrações, logo que acordarmos delas, fixemo-nos mais ardentemente no Senhor, oferecendo-nos a Ele, reconhecendo com humil-

O ROSÁRIO

nhuma exprime, em palavras mais simples, os afectos de louvor para com a Rainha dos céus.

Muitos, fatigando-se da sua simplicidade, procuram termos complicados e orações eloquentes para se dirigirem ao céu. É um erro, porque assim deixam palavras divinas para se servirem de palavras humanas. O Pai Nosso, que se intercala em cada dezena de Ave Marias, foi ensinado pelo Senhor. Daí recebe a designação de oração dominical.

A Ave Maria, como se disse, na primeira parte foi trazida do céu pelo Arcanjo e por inspiração do Divino Espírito Santo. Quem se fatiga de recitar a Ave Maria repetidas vezes, tratando de monótona esta divina súplica, mostra bem que não tem ideia clara das altas qualidades da Virgem. Mostra ainda que não sente a miséria humana. Esta manifesta-se profundamente na nossa qualidade de pecadores, de indigentes e de mortais. Na hora da morte havemos de prestar contas ao Juiz eterno, misericordioso mas justo; nosso Redentor, mas também nosso Deus.

*

Depois do ofício divino, obrigatório para todos os sacerdotes e

dade a nossa incapacidade de orar como convém.

Sem o auxílio do Espírito Santo que ora em nós, nem sequer podemos balbuciar o nome dulcíssimo de Jesus.

Durante a recitação do terço, necessitamos de avivar a fé. A Virgem que foi assumpta ao céu, não deixa de nos assistir com a sua presença de mãe e advogada. Se pensarmos a sério na presença de Maria Santíssima, as nossas orações e recitação do terço redobram de fervor. Pois se nas longas jornadas de peregrinos crentes aos santuários onde se venera Maria, as preces são mais sentidas, qual não será o sentimento de quem reza, vendo-se em espírito intimamente ligado à Mãe de Deus?

A fixação da atenção e a nutrição da piedade são sumamente coadjuvadas pela meditação dos mistérios. Estes recordam as alegrias, as dores e as glórias de Maria, e convidam-nos a tirar deles os mais preciosos e abundantes frutos.

Antes de cada dezena, devemos recolher-nos connosco para contemplar o mistério. E enquanto os lábios vão recitando a Ave Ma-

(Continua na 2.ª página)

O Senhor Ministro da Defesa Nacional visitou o Santuário da Senhora das Preces

No dia 7 de Setembro visitou o Santuário da Senhora das Preces o Senhor Ministro da Defesa Nacional, Coronel Fernando dos Santos Costa, acompanhado dos seus melhores amigos do concelho de Oliveira do Hospital entre os quais vimos os senhores Dr. Francisco de Sousa Loureiro, director da Escola do Magistério de Coimbra; Dr. Vasco de Campos, médico em Avô; Dr. António de Nazaré Falcão, Juiz de Direito; Dr. João Ferreira Diniz, Comandante da Legião Portuguesa em Oliveira do Hospital; Dr. Virgílio Ferreira; Dr. Agostinho de Brito, etc.

Num dos salões do Santuário foi oferecido um almoço aos visitantes e amigos que decorreu num ambiente de espiritualidade, que tão distintos conviviam sabendo proporcionar, dada a sua incontestada categoria no meio intelectual, moral, político e social deste concelho.

Aos brindes falou o presidente da Mesa do Santuário, sr. P.º Mário Brito, para agradecer a visita de Sua Ex.ª o Ministro e aos amigos que o acompanharam.

Usou em seguida da palavra o Dr. Juiz António Nazaré Falcão, para afirmar o seu incondicional apoio ao homem de carácter e um dos grandes obreiros de Portugal restaurado, que é o Sr. Ministro da Defesa Nacional.

Num vibrante improviso falou o Sr. Dr. Francisco Loureiro, em nome dos amigos de Oliveira e da União Nacional, por representação telegráfica do Dr. João de Oliveira Mano, que expressou a unidade que em volta do Sr. Ministro da Defesa se estabeleceu neste concelho entre os que desejam servir o ideal do engrandecimento da Pátria pelo engrandecimento das suas terras, lembrando que quando são consciência e coração, como o sr. Coronel Santos Costa, nunca podem deixar de estar em comunhão com os amigos que ali se juntaram à sua volta.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. Dr. Vasco de Campos para secundar as palavras do orador anterior e para ter oportunidade de dizer a S. Ex.ª o Ministro que «como humilde soldado da causa do Resgate está sempre preparado para cumprir as suas ordens.

Agradeceu finalmente o Senhor Ministro todas as referências que lhe foram feitas e em perfeita comunhão espiritual com os seus amigos afirmou-lhes que estaria com eles com a pureza do ideal que bem sabe servir.

As suas últimas palavras foram abafadas pelos aplausos e todos os convivas o foram abraçar.

Terminado o banquete foi S. Ex.ª visitar várias dependências do Santuário, interessando-se pelos seus progressos e melhoramentos. Em seguida foi até ao mirante da Santa Eufémia donde apreciou os maravilhosos panoramas e percorreu as estradas florestais em construção.

Já era bastante tarde quando S. Ex.ª deixou o Santuário da Senhora das Preces, levando as mais gratas recordações.

Além das entidades acima referidas, tomaram parte no almoço oferecido ao Sr. Ministro os senhores: P. Abílio Fernandes Diniz, do Ervedal; P. Alberto Sanches Pinto, de Avô; P. Manuel Joaquim da Costa Ferreira, de Alvoco de Várzeas; P. Ilídio dos Santos Portugal, do Piódam; P. José Marques dos Santos, de Lagares da Beira; João Augusto da Fonseca Maia, do Ervedal; Engenheiro Albano Martins da Costa; João Martins da Costa e Armindo Louzada, de Oliveira do Hospital.

Várias notícias

O Ministro da Educação Nacional distribuiu pelas crianças das escolas primárias do País roupas no valor de quatro mil e quinhentos contos.

— Todas as pontes metálicas da linha do caminho de ferro da Beira Alta vão ser substituídas por outras novas até ao fim do ano de 1954.

— Estão a realizar-se grandes manobras militares no campo divisionário de Santa Margarida. As forças militares atingem um total de 20 mil homens.

— Nos últimos dez anos a população branca de Angola aumentou 11 por cento. A população branca é de 78.800 indivíduos.

— No dia 8 de Novembro vão realizar-se em todo o País as eleições para deputados à Assembleia Nacional.

— Na Islândia está a fazer-se uma carreira de aviação entre duas cidades que distam uma da outra 9 quilómetros apenas em linha recta, pois por estrada é preciso percorrer 111 quilómetros devido ao terreno ser muito acidentado. A viagem de avião leva dez minutos, por estrada leva três horas.

— No dia 13 de Junho do próximo ano vão realizar-se grandes festejos no Santuário do Sameiro, em Braga, para comemorar o primeiro centenário da proclamação do Dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora.

CONVERSANDO...

A tia Rosa dá licença?

— Pelo abrir da porta já sabia que eras tu, Margarida.

Entra e vem aqui para a varanda aquecer-te ao sol.

— Deus a ajude tia Rosa.

— Vem com Deus, Margarida. Então que fazes tu?

— Olhe, agora faço-lhe companhia. Vou para a igreja para o terço e como ainda é muito cedo lembrou-me passar por aqui.

— Ah! vens ver-me... bem sei que és minha amiga.

— Venho, sim senhora, venho vê-la e queria que me dissesse hoje se as meninas religiosas podem ter namoros ou não.

— Eu logo vi que uma visita assim tão cedo trazia água no bico... mas para que queres saber? Queres ver que já trazes por aí algum morgado a fazer-te a corte e... tens medo que te fuja...

— É certo é!!! não que a filha de meu pai não tem terrenos ao luar... das pobres ninguém se lembra. Mas sabe? Gostava de saber, cá por coisas.

— Poi bem! o prometido é devido. Evidentemente que algumas, muitas mesmo, ou quase todas as raparigas, sejam religiosas ou não, devem sentir e sentem de facto inclinação para o casamento. Mas pelo facto de sentirem inclinação para o casamento não se devem deixar ir com o primeiro que lhe bate à porta, mas também não devem, é claro, estar à espera do último figurino...

— Quer a tia Rosa dizer que é preciso escolher...

— Tiraste-me as palavras debaixo da língua, Margarida.

Nem mais nem menos, é preciso ir ao nabal e escolher a melhor cabeça.

— Mas a tia Rosa compreende, isso não é coisa que se faça dum dia para o outro.

— Ora vês como tu estás a dar a resposta à tua pergunta!? É assim mesmo e deve ser assim mesmo.

Todas as raparigas ou sejam Filhas de Maria, ou da Juventude, ou sejam religiosas ou não, é claro que precisam antes do casamento conhecer as qualidades e o carácter e o coração do seu futuro marido.

— Mas olhe que há algumas raparigas que não fazem assim.

Quando querem casar-se e quando ninguém as procura, ou quando aquelas que elas querem não lhes dizem nada, vão falar com a tia Galinha dão-lhe uns alqueires de milho e umas chouriças e ela lá se encarrega de arranjar os cavalheiros e passados uns dias a coisa arranja-se e pronto...

— Sim, isso é verdade. Já ouvi dizer que ela é agente de casamentos «à lá minuta». Enquanto o demónio esfrega um olho ela arranja um rapaz para esta rapariga, ou uma rapariga para aquele rapaz. Desses casamentos... Deus te livre. As duas por três andam à bulha um com o outro.

— E eu conheço alguns casos desses.

— Mas ouve Margarida. Às vezes também acontece o seguinte: não é o rapaz que namora a rapariga ou a rapariga que namora o rapaz. Sabes? Já tem acontecido ser o pai ou a mãe da rapariga que namora o rapaz para a rapariga. E se ela depois de saber diz que não, é um sarilho do inferno.

— Mas olhe lá, ó tia Rosa, já ouvi dizer que não se deve casar contra a vontade dos pais?!...

— Isso tem muito que desfiar.

É certo que os pais devem aconselhar os seus filhos a que escolham uma noiva ou um marido nas condições e, o melhor, é o que seja do agrado de todos. Porém é preciso não esquecer que os filhos devem procurar a sua felicidade e portanto devem escolher uma esposa a seu modo.

Queres ouvir? Eu conheci uma senhora riquíssima que vivia só com um filho único, a qual ficou viúva muito nova.

O filho, como é natural, quando chegou a certa idade de tomar vida, começou a namorar uma menina bem prendada e boazinha. A mãe sabendo das intenções do rapaz tais coisas lhe disse dela que ele a deixou.

Namorou outra e aconteceu o mesmo. Isto repetiu-se três e quatro vezes até que um dia o filho disse à mãe:

«Olhe minha mãe, das noivas que eu escolho para mim nenhuma lhe serve. O melhor é a mãe mandar vir uma de encomenda».

O rapaz morreu passados uns anos e dizem que foi com desgosto.

— E que diz a tia Rosa a certas meninas que têm o seu namorozinho apenas por passa-tempo?

— Que queres que te diga? Olha, que são como as criancinhas que arranjam uns bonequinhos com que se entretêm.

Mas entre os rapazolas, há certos mariolas também que namoram num ano mais dum cento ou uma dúzia ao mesmo tempo... e depois dizem-lhes «adeus! passe muito bem!» Se a rapariga tem «maçaroca» e se os pais têm bens, ainda pode calhar, mas se os patifórios vêm a saber que elas só têm a formosura, batem as azas e voam para outro pombal. Por isso é preciso que as meninas tenham muito tento na bola, ou como dizia já o meu avô: juízo e cabeça fresca.

Já estás satisfeita?

— Muito obrigada, tia Rosa agora, quando se me oferecer a ocasião, já sei o que devo dizer.

Até logo, ou até quando Deus quiser.

O ROSÁRIO

(Continuado da 1.ª pág.)

ria, façamos nossos os sentimentos que animaram o coração da Virgem.

Quem saboreia a humildade e obediência de Maria na exclamação pela qual ela se confessa escrava do Senhor, procure ser a seu exemplo, e com a sua protecção, escravo do Senhor como ela. Fixemos em cada dezena uma intenção especial.

*

Amemos o terço. Semeemos no decorrer do dia essas sublimes invocações à Virgem, nos caminhos, nos trabalhos, no descanso. Tomemo-lo enquanto nos encontramos no leito, e adormecemos a balbuciar a *Avé Maria*.

A Mãe da graça e da misericórdia, a Mãe do formoso amor, e da santa esperança abençoará o nosso sono, como se dignará abençoar o nosso dia de oração e de trabalho.

VIAGENS E IMPRESSÕES

VI

A ALEGRIA DA ORAÇÃO. — A ALEGRIA DO TRABALHO. — A ALEGRIA DO RECREIO

Segunda-feira amanhece com vento e com tendência para chover.

Estamos sòzinhos. Abalado e cansado, não fomos ouvir a Missa.

Aos nossos ouvidos chegam cantos sacros que nos deleitam!

Vozes de adultos mescladas com vozes de crianças inocentes — enchem, perfumam, os ares, com a alegria da oração!

Já o mavioso Poeta S. Francisco de Assis, morreu cantando!

Guerra Junqueiro que nasceu descrente e morreu crente — assim diz: «Cantar é amar. O cântico religioso é a oração perfeita. A língua dos anjos é música espiritual. A síntese do Universo, o cântico absoluto, é o absoluto Amor! É Deus».

Vamos descendo o caminho do Refeitório — na companhia dos nossos filhos. Estes vão elaborando mentalmente entre os dois, o programa de tudo aquilo — que nos vão mostrar hoje. A nossa filha que aqui se encontra, a tirar um curso da Acção Católica, lembra para irmos amanhã até à Estação. Mas este passeio, fora dos portões, tem que levar o visto da Ilustre Directora. Vamos ver se a Senhora D. Palmira Dinis Fonseca vai deferir o nosso pedido, para alegria dos pequenos, sobretudo, do mais novito, que, de perto, deseja ver e apalpar um... comboio.

Saimos, para os amplos corredores e recreios, onde há alegria do trabalho! Desde o mais pequenino todos têm as suas ocupações compatíveis à idade e vocação.

Vamos encontrar uns pequenitos de uns dez anos, a cortarem mutuamente os cabelos. Com perfeição. E como eles manejam a navalha, a máquina e o pente! Metem num chinelo velho, certos barbeiros que conhecemos — pelos nossos pecados...

Passa por nós um grupo jovial de rapazes. São das oficinas. Agora é o Senhor Dr. Alberto Dinis da Fonseca — que nos cumprimenta de fugida e lá vai apressado para a sua vida. Até o Toninho e o Zêzinho, os mais novos e felizes — Servinhos — passam, atarefados, com pequenas achas de lenha — em direcção a uma das cozinhas.

Há a alegria do trabalho!

Já andamos envergonhados — de nada fazermos — ao lado desta santa e laboriosa gente! Assalta-nos a vontade de ir pedir à Ilustre Senhora Directora, que nos dê algo que fazer. Mas... com receio que a Bondosa Senhora — nos mande fazer versos...

Estamos nas nossas sete quintas! No recreio onde brincam dezenas de crianças cheias de vida e alegria! Os Poetas sentem-se bem — perto de crianças e de flores.

Rezemos baixinho a frase eloquente e realística de Pasteur: «Perante uma criança, sinto-me cheio de ternura por aquilo que ela é, e de respeito por aquilo que ela pode vir a ser.»

Estamos rodeados de lindas crianças. Todas nos mostram as suas modestas brincadeiras: Piões, bolitas de meias e poucas de borracha; estas —

mesmo — ofertas de pessoas caridosas.

Alguns pequenitos, com cordeis de cores diversas e com auxílio de um carrinho de linhas vazio, fazem, com destreza, barações interessantes — para rodarem os piões.

— Sabe? (Diz-nos uma linda criança) esta baraca que estou a fazer é para este companheiro.

Remata outra criança:

— Como tinha dois piões — dei um ao Abílio.

Ainda outra:

— Emprestei a minha bola àqueles companheiros.

Para finalizar, diz-nos outra criança de cabelos loiros como um trigo maduro:

— Emprestei uma camurcine ao Domingos que foi à terra.

Translucida dos olhos desta bondosa gentinha de palmo e meio a alegria do auxílio mútuo, praticando o bem.

Contemplamos, embevecidos, estas pombinhas humanas de corações diáfanos, de bondade, arrancadas lá fora de um futuro incerto e duvidoso, por alguém que sente e ama a verdadeira caridade cristã e a protecção devida que deveriam ter no mundo as criancinhas, sobretudo as crianças paupérrimas que andam pelas ruas de dia e parte da noite, mendigando, furtando, o que a sua sensibilidade, não educada na moral de Cristo, cobiça!

Ah! Foi por isso que o Poeta, dolorosamente pensou:

— «Só por haver no mundo infância des-
[graçada
Merece a Humanidade as lágrimas que
[chora.»

E a pensarmos que a receita líquida do futebol português rendeu: centenas de contos.

Se a Direcção desses simpáticos Clubes se lembrassem de mandar para aqui uma pequenina importância desse dinheiro, as bolas usadas, as chuteiras usadas e camisolas usadas?

Isto — queremos dizer: para os rapazes das oficinas.

Nestas casas, desde os meninos ricos que frequentam os ciclos dos Liceus — aos meninos que pagam algo, aquelas centenas deles que não pagam nada, até aos rapazes das oficinas, há adeptos dos principais Clubes do Futebol.

Por consequência, há também simpatisantes do Bentes, Wilson, Barrigana, Travassos, etc., etc.

Quem sabe, se por aqui, não estarão ases que irão amanhã defender com brilho e educação desportista, as cores de algum desses Clubes?

O futuro, a Deus pertence.

Ao pensarmos que há meninos e meninas — lá fora, bem localizados na vida, que têm piões, bolas e bonecas de sobejo! Ainda: calções, camurcines, vestidinhos e sapatos que já não lhes servem.

E aqui há pequeninos órfãos — que ficariam contentes — recebendo o superfluo dos meninos ricos e caridosos!

Quem dá aos pobres — empresta a Deus.

(Continua).

ANIBAL MENDES

Tudo pela freguesia do Piódão

Sempre é bom fazer lembrar

Todos os indivíduos naturais da freguesia de Piódão que, porventura ainda não tenham dado a sua adesão à Comissão de Melhoramentos da nossa freguesia, afim de com ela colaborarem, não quer dizer que eles não tenham já visto qual o melhor caminho que têm a seguir para bem dos seus filhos, dos seus netos, da Pátria e do seu próprio interesse. Sim, eles sabem-no bem. Contudo e infelizmente, ainda existe uma minoria de indivíduos naturais da nossa freguesia que não são sócios da nossa colectividade, talvez, supomos nós, que pensam por só agora pedirem a sua admissão como sócios que ficam humilhados perante os seus conterrâneos. Não, meus amigos, antes pelo contrário, todos aqueles que forem vindo até junto de nós, por terem reconhecido a obra a levar a efeito a que a nossa agremiação tenciona realizar e o erro do seu afastamento, pelo menos até à data em que se inscreverem como associados da Comissão, só merecem parabéns e reconhecimento dos piodeses que desde o início da sua fundação têm trabalhado e continuarão a fazer sacrifícios de toda a ordem, desinteressadamente, para bem da nossa freguesia.

Sabemos, porém, que há pessoas que

engendram (sempre que surge uma iniciativa) politiquices de toda a natureza só para terem motivo de dizer mal do que afinal está certo e bem feito. Outras há que se manifestam publicamente, dizendo que só darão a sua colaboração, para isto ou para aquilo, desde que «fulano» saia da Comissão ou deixe de interferir neste ou naquele assunto!

Ora, com franqueza, caros conterrâneos e amigos, as questões ou divergências de carácter particular que porventura existam entre os homens, têm alguma coisa com o interesse colectivo, com o bem comum e com o progresso de uma freguesia?

Meu Deus, ponhamos de parte essas pieguices, façamos por cumprir o nosso dever de bom cidadão e de bairrista acérrimo, colaborando com os nossos conterrâneos nos empreendimentos e melhoramentos que aspiram levar a efeito, nas nossas terras da serra, ajudando-as a desenvolver e a progredir, para que os homens de amanhã não possam dizer que nós nada fizemos em seu benefício.

Lisboa, Setembro de 1953.

Antonino Lourenço Pacheco

Campanha Nacional contra o Analfabetismo

1.º — Se sois pais, fazei, de 1 a 7 de Outubro, a matrícula de todos os vossos filhos de 7 a 12 anos de idade que ainda não tenham exame da 3.ª classe;

2.º — Se vós próprios sois iletrados ou analfabetos e já não podeis frequentar as escolas primárias oficiais, apresentai-vos imediatamente a fazer a vossa inscrição junto dos professores do núcleo escolar da vossa residência e tomai o compromisso de frequentar regularmente e com assiduidade os cursos de educação de adultos que para vós venham a ser criados.

*

a) — Perdem direito ao abono de família os pais cujos filhos em idade da obrigatoriedade escolar não estejam matriculados, ou falem às aulas sem justificarem os motivos;

b) — A partir de 1 de Janeiro de 1955 não podem ser admitidos empregados no comércio e na indústria menores de 18 anos que não tenham obtido aprovação no exame da 3.ª classe;

c) — Também, a partir da mesma data, não serão autorizados a emigrar os cidadãos portugueses com mais de 14 anos e menos de 35 que não possuam a habilitação mínima do 1.º grau;

d) — Os mancebos iletrados que forem incorporados nas forças militares já em 1954 não serão licenciados sem que, primeiro, sejam aprovados em exame correspondente ao da 3.ª classe do ensino primário;

e) — Depois de 1 de Janeiro do próximo ano não poderão fazer exame para condutores de automóveis ou camionetas os indivíduos que não possuam pelo menos diploma de exame do ensino primário elementar (3.ª classe).

Para quaisquer outras informações podereis dirigir-vos aos professores, aos párocos e às autoridades civis.

Que me importa?...

*Que me importa a noite escura,
Com a lua pálida e triste?
Sem em minha alma sofredora,
Um sol cheio de luz existe!*

*E que me importa a riqueza,
Com todo o luxo e prazer?
Se eu no trabalho encontro
Mais alegria de viver!*

*Que me importa o que no mundo
De maravilhas se passa?
Se em minha pequena terra,
Há mais amor e mais graça!*

*Que me importa, daqui a pouco,
Na velhice a muita idade?
Se Deus lá no céu me guarda,
O fulgor da mocidade!*

*O mundo! Ó fera! Eu não quero
Teus mistérios compreender.
Amar a Deus, só me basta,
Pra com alegria viver.*

ANTÓNIO SILVA

Quadra

*Bendita seja a alegria
Da moça que vai casar,
E, chegou aquele dia,
Sem ter dado que falar.*

São Sebastião da Feira

Como aqui já foi anunciado, no dia vinte de Janeiro realizar-se-á a festa em honra de São Sebastião, padroeiro desta freguesia, que será precedida por um tríduo de que será pregador um senhor Padre da Ordem dos Capuchinhos. Oxalá que sejam dias de graças e bênçãos celestes para esta freguesia.

Assinaturas pagas da «Voz do Santuário»

Com 10\$00 pagaram os senhores:

José Diogo, Joaquim Varanda e D. Isabel Russo Lourenço, todos de S. Vicente da Beira; Aníbal Lourenço, de Lisboa; Agostinho Alves de Campos, de Torrocelo; Júlio da Costa Mendes e António Mendes de Brito, da Chamusca; D. Natividade da Fonseca Andrade, de Alvoco de Várzeas; Francisco Fernandes, Torrocelo; João Cristóvam, Coimbra; Alfredo Tomaz, Lisboa; Augusta Castanheira, Secolinho; Lourenço Luís Castanheira, Lisboa; José Nunes Barroja e José Mendes Duarte, de Lisboa; José Alexandre da Silva, Chão Sobral; Augusto Mendes Abranches, Aldeia das Dez; João de Sousa Gouveia, Covilhã; Augusto Guilherme e Cristiano Lopes Moço, de Alcântara; José Guilherme Júnior, do Parente; Serafim Gonçalves, Lisboa; Manuel Lopes da Silva, Sobral de Casegas; José Correia, Arganil; António Luís, de Vale de Maceira; Emídio Moreira, Avelar; Manuel Lourenço e D. Arminda da Paula Miguel, de Lisboa; José Luís, da Gramaça; José da Cruz, Avelar; Francisco Maria Tavares, Bonifácio dos Reis Gama, Joaquim Guilherme dos Santos, João Ribeiro, Américo Diogo Folgado, João Teodoro dos Santos, todos de S. Vicente da Beira, pagas por intermédio do sr. Bonifácio dos Reis Gama; Elisa Mendes, Goulinho; Armando Mendes Correia, Vale de Maceira; Fernando Marques dos Santos, Lisboa; João Dias, Lisboa; D. Arminda Afonso, S. Sebastião da Feira; D. Ermelinda Marques Abranches, Lisboa; Maria da Assunção Marques da Costa, Lisboa; Ambrósio Rodrigues, Tapadas; Professor Jerónimo Sanches Pinto, Avô; Aníbal Dias Mendes, e Arminda Luiza Diniz, de Vale de Maceira; Luís Correia, de Amial de Semide; Armando Gonçalves, Chão Sobral; Cândido dos Santos Nobre, Vide; João Dias Mendes, Chão Sobral; José Augusto Quarasma, Fôrnica; António Guilherme, Alvoco.

Com 15\$00 a senhora D. Maria de Lourdes da Silva Baila, Alvoco; Alfredo Mendes Abranches, Lisboa; Bonifácio dos Reis Gama, S. Vicente da Beira; António Joaquim da Fonseca, Aldeia das Dez; Manuel Joaquim, Lisboa; José de Sousa André, Lisboa.

Com 20\$00 os senhores Carlos dos Santos Mendes, de Lagoalva; D. Encarnação Afonso, Alvoco; D. Jesuina, de Alvoco de Várzeas; D. Maria de Jesus Martinho, Lisboa; Alberto Rodrigues, Lisboa; José Marques Afonso, S. Sebastião da Feira; D. Maria Clara Martins, Lisboa; José Pereira, Lisboa; Francisco Maria Tavares, S. Vicente da Beira; Adelino Augusto de Moura, Lisboa; D. Isabel Mesquita, Avô; Manuel Afonso, Porto; D. Maria da Ascensão, Lisboa.

Com 40\$00, a Ex.ª Sr.ª D. Ana de Moura Hall, Coimbra; o sr. Manuel Antunes, de Lagoalva de Cima, com 50\$00; e o sr. João Gonçalves Matoso, do Pisão de Coja, com 100\$00.

A todos muito obrigado.

Anedotas

Certo amo deu ordem ao criado de deitar no correio todas as cartas que encontrasse fechadas sobre a sua secretária.

Um dia o criado levou também algumas, que não tinham endereço.

— O quê! diz-lhe o patrão — então não viste que os envelopes estavam sem direcção?

— Vi, sim, senhor, mas julguei que V. Ex.ª não queria que se soubesse a quem iam dirigidas!

Depois duma cambalhota em que o bebé rachou o lábio inferior, mostrou a mamã receio que ficasse defeituoso, mas ele aquietou-a logo, dizendo:

— Não se preocupe, mamã, depois o bigode disfarça tudo.

À porta duma barraca de feira está um comediante a gritar:

— Entrem, meus senhores, e verão uma maravilha! Um burro que tem a cauda onde os outros têm a cabeça.

Entram muitos a ver a maravilha.

— Mas onde é que está?

— Ali! Não vêem?

E mostrando-lhes o triste animal atado à mangedoura pela cauda, fazendo esforços por se virar para chegar à palha.

UM AVISO

A maior parte dos nossos prezados assinantes têm tido a gentileza, que muito agradecemos, de nos enviarem as respectivas importâncias pelo correio, ou por outros meios. Mas ainda há muitos assinantes que ainda não satisfizeram, uns por esquecimento, outros por não saberem como hão-de mandar. Ora isso é muito fácil: pegam numa NOTINHA DE VINTE, metem-na dentro de um envelope e juntam-lhe a direcção que vai no seu jornal e mandam para cá.

Precisamos de liquidar a nossa dívida com a tipografia e estamos embaraçados por causa da falta do dinheirinho. Não se esqueçam de que a tipografia sem tinta não pode imprimir e nós sem «tinta» não podemos pagar. Ora a notita de VINTE resolve todos os embaraços.

Quando algum dos nossos prezados assinantes tenham mudado de residência, ou necessitem de ser rectificada a sua direcção, muito agradecemos que juntamente com o pedido de rectificação nos seja mandada a direcção que vai colada ou impressa no jornal. Torna-se mais fácil a procura visto que já quase todos os jornais são numerados.

ANUAIS PAGOS

Recebemos do sr. Bonifácio dos Reis Gama, de S. Vicente da Beira, 5\$00 do anual como irmão e da Ex.ª sr.ª D. Ana de Moura Hall, residente em Coimbra, recebemos 10\$00 correspondente a 2 anos.

A chave da felicidade

Quem no mundo não procura a felicidade?

A felicidade, contudo, não está longe.

Pode estar no coração de cada um. Dom de Deus por excelência, nada há nem mais delicioso nem mais amável que o amor e, se o não sabem definir, sabem senti-lo.

Pergunta-se a uma criança o que entende por amor e imediatamente ela o dirá, lançando-se confiadamente nos braços de sua mãe para a abraçar e beijar.

O coração do homem não engana; é feito para amar, como a ave para voar.

Em vez de balas dêem os homens amor uns aos outros, e todos serão felizes.

Como o ódio os separa, os afasta cruelmente uns dos outros, o amor une os corações em perfeita comunhão de bens.

Só o que concorre para a felicidade de todos os homens é humano, verdadeiro, podendo, consequentemente, considerar-se totalmente falsa a ideologia que, apoiando-se na prepotência e no ódio, afasta os homens uns dos outros.

Por isso Cristo fez do amor o mandamento supremo.

Por isso o Cristianismo, não obstante perseguições sem conta, tem permanecido e permanecerá de pé através dos séculos.

A chave da felicidade é o amor, o amor puro e desinteressado a Deus e ao próximo.

O terço rezado pela Rádio

São muitas as estações radiofónicas no estrangeiro que diariamente transmitem a recitação do terço. Na Itália o próprio Sumo Pontífice Pio XII tem recitado o terço pela Rádio, servindo de conforto e estímulo a muitos fiéis, especialmente doentes.

Todas as pessoas que assistem e tomam parte activa na recitação do terço pela Rádio e respondem ao guia, ganham as mesmas indulgências do Rosário de Nossa Senhora.

O grande benemérito de Oliveira do Conde ESTEVE NA SENHORA DAS PRECES

A filarmónica de Aldeia das Dez tem no Sr. José Nunes Martins o seu sócio benfeitor n.º 1.

No dia 27 de Setembro a filarmónica deslocou-se a Oliveira do Conde para o cumprimentar e tomar parte nuns festejos populares ali realizados por sua iniciativa. Acompanharam a filarmónica várias individualidades de Aldeia tendo-lhes sido dispensada uma carinhosa recepção pelo Sr. José Nunes Martins e pelo bom povo de Oliveira do Conde.

Em retribuição da visita o Sr. José Nunes Martins, várias pessoas de família, numerosos amigos e algumas centenas de pessoas de Oliveira do Conde deslocaram-se no dia 4 do corrente à Senhora das Preces. A entrada de Aldeia foram esperados pela filarmónica e muito povo que os acompanhou até ao Santuário.

Ali o Sr. José Nunes Martins assistiu à Santa Missa, indo depois visitar todas as capelinhas que o encantaram bastante.

Todos os visitantes se espalharam pelo recinto procurando as sombras das frondosas árvores, saboreando as suas merendas e aliviando os farneis. Entretanto a filarmónica executava, no coreto, alguns números do seu

vasto repertório, sempre aplaudidos pela numerosa multidão.

Era perto do pôr do sol quando todos se retiraram para as suas terras indo encantados pelas belezas e maravilhosas paisagens do Santuário.

O Sr. José Nunes Martins, grande benemérito da sua terra, Oliveira do Conde, onde deseja realizar uma grande obra de assistência, entregou para o Santuário a generosa esmola de mil escudos.

PROMESSAS

Em cumprimento de promessas e agradecendo graças recebidas recebemos as importâncias seguintes:

Do sr. Manuel Branco, do Pessegueiro de Baixo, 5\$00; do sr. Luís Freire da Cruz e Ana de Jesus, de Lisboa, 20\$00; António Pereira, da Gramaça, 30\$00; do sr. José Lourenço, de S. Vicente da Beira, 20\$00.

Casamento em Coimbra

No dia cinco do mês passado realizou-se em Coimbra na igreja do convento da Rainha Santa o casamento do sr. Engenheiro Agostinho Rodrigues Ferreira Nazaré Falcão, natural de Aldeia das Dez, com a Ex.^{ma} sr.^a D. Carmen de Lourdes Pires Gomes da Silva.

Desejamos-lhes muitas felicidades.

OS DEZ MANDAMENTOS

*Primeiro é amar a Deus
Sobre tudo quanto houver
Depois, é amar o próximo,
Porque é Deus que assim quer.*

*O segundo é não jurar
O Seu Santo Nome em vão;
Jurar falso e blasfemar
Não é próprio de um cristão.*

*O terceiro é p'ra guardarmos
Domingos e dias Santos;
Louvar a Deus, nestes dias,
Que p'ra trabalhar há tantos!*

*No quarto, temos de honrar
Nosso pai e nossa mãe,
P'ra, depois, sermos honrados
Por nossos filhos também.*

*Eis o quinto; é não matar,
Porque o mundo assim discorre:
Todo o que com ferros mata
Com os mesmos ferros morre!*

*Sexto é guardar castidade
Conserve-mos a pureza.
Quem tiver esta virtude
Tem mais encanto e beleza.*

*O sétimo é não furtar
A cada qual o que é seu;
Sabe Deus, pró ajuntar,
O trabalho que lhe deu.*

*Oitavo é não levantar
Falso test'munho a ninguém,
Que o difamante não gosta
De que o difamem também.*

*O nono é não desejar
A mulher do nosso irmão,
Que o pecado de adultério
Não merece ter perdão.*

*Décimo é não cobiçar
O que alguém lá possui,
Porque quem o alheio veste
Vai-o na praça despir.*

*Eis que estes dez mandamentos
Quem os cumprir a rigor
Tem o Céu por recompensa,
Dá-lho Deus Nosso Senhor.*

S. Vicente da Beira.

JOSÉ LOURENÇO

Festa de Nossa Senhora

Conforme tinha sido anunciado, realizou-se no dia 8 do mês passado a festa da Natividade de Nossa Senhora, chamada também *festa da Missão*.

Na véspera realizou-se o aniversário em sufrágio das almas dos irmãos falecidos.

No dia 8 de manhã houve missa rezada comungando muitos fiéis; às 12 horas teve lugar a missa cantada celebrada pelo capelão do Santuário acolitado pelo Rev.^o Prior de Alvoco e do Piódam. Pregou o Rev. P.^o Mário Brito.

Seguiu-se imediatamente a procissão com a imagem de Nossa Senhora das Preces na qual tomaram parte muitas centenas de pessoas além das Irmandades, Juventudes, Cruzadas de Aldeia. A freguesia do Piódam veio em peregrinação à Senhora das Preces incorporando-se na procissão com a sua Irmandade, Juventude, Cruzada e muito povo.

Tomou parte a filarmónica de Aldeia das Dez que agradou bastante.

As freguesias à volta do Santuário despovoaram-se para a Senhora das Preces dando movimento e animação ao Santuário, registando-se uma grande concorrência de peregrinos de Oleiros e de outras terras da Beira Baixa vieram muitas pessoas cumprir as suas promessas.

Chão Sobral

No dia 29 de Setembro realizou-se aqui a festa de Nossa Senhora de Fátima, que constou de missa cantada pelo grupo coral, sendo acompanhada a violino. Foi celebrante o Rev.^o Prior de Alvoco e pregou o Rev.^o Prior de Aldeia das Dez. No fim procedeu-se ao leilão das fogaças.

Estradas florestais

Os trabalhos da abertura das estradas florestais têm continuado embora com menos pessoal devido aos trabalhos agrícolas desta época.

A estrada em direcção às Portas do Inferno parou, cremos que por pouco tempo. Dizem-nos que a verba se esgotou, esperando-se em breve nova dotação.

Oxalá que assim seja, pois é a estrada que mais depressa podia beneficiar o Piódam e outros povos da Serra.

É mesmo pena que o pessoal que anda a trabalhar na estrada do nascente, não fosse aproveitado para a que se dirige às Portas do Inferno, tanto mais que o dono é o mesmo. Os senhores engenheiros lá terão as suas razões.

Aos senhores motoristas

No dia 8 de Setembro enquanto dentro da igreja da Senhora das Preces se celebrava a missa da festa e durante a pregação, uma camioneta de carga andou ali mesmo à porta em manobras perturbando os actos do culto.

Não sabemos se foi por má fé, se por ignorância, se por falta de educação, ou talvez por tudo junto, tanto mais que a mesma camioneta já tem feito coisa parecida noutros dias de festa e nalguns domingos.

Fazemos votos para que tal não volte a acontecer, para não termos de proceder judicialmente.

Admite-se que nem todos tenham fé, mas exige-se que todos tenham educação.

As nossas estradas camarárias

Já há muito que se fala no assunto e quanto mais tempo se espera pela sua solução, mais se reconhece a imperiosa necessidade de ser resolvido.

As nossas Câmaras abriram por toda a parte uma rede considerável de estradas no desejo, muito louvável, de levar a todas as freguesias o sinal dos nossos tempos — o progresso.

Mas porque actualmente as Câmaras estão sobrecarregadíssimas com pesados encargos, e porque o montante das suas receitas o não permite, não podem desviar as verbas necessárias para a conservação das estradas, a não ser que o Estado venha generosamente em seu auxílio.

Ainda pelos mesmos motivos, para fugir a despesas superiores às suas possibilidades financeiras, as Câmaras fazem estradas estreitas que não estão de harmonia com as necessidades e realidades da vida moderna.

Aqui pretendemos focar um ponto que não sabemos explicar:

Permite-se a construção de grandes autocarros, verdadeiras casas ambulantes, e consente-se a abertura de estradas estreitas, onde os carros mal podem caber. Para exemplo, basta percorrer a estrada de Aldeia das Dez ao Santuário da Senhora das Preces e assistir ao seu movimento nos dias das grandes festas.

É grande o movimento e difícil o andamento. É uma estrada estreita e cheia de perigos.

Que há a fazer? alargá-la, sem dúvida. Quem fará a obra? a Câmara? o Estado? os dois juntos?

E porque não passam as estradas camarárias para a jurisdição da Junta Autónoma das Estradas que é a Entidade oficial que tem à sua conta abrir, construir, reparar e conservar estradas?

As Câmaras ficariam aliviadas e os povos mais bem servidos.

O filho

prega na primeira Missa de seu pai

Patrício Norton foi um homem de negócios muito conhecido em Iowa (Est. Unidos da América do Norte) e ordenou-se sacerdote em Roma, em Dezembro de 1952, já então viúvo há 7 anos.

Ao regressar a Washington, depois da sua ordenação, o padre Norton era esperado pelos seus doze filhos e pelos seus vinte netos.

O mais interessante deste caso é que na primeira Missa do padre Norton quem fez o sermão foi um seu filho, o padre Claudino Norton, também sacerdote.

Quis morrer com o terço na mão

Em correspondência de Seul, o «Osservatore Romano» narra um curioso e emotivo episódio ocorrido com o Rosário do último prisioneiro americano na Coreia, um sargento cujo nome só será conhecido depois de comunicada a sua morte à família, residente na América do Norte.

O sargento acolitava a missa celebrada pelo capelão católico, quatro horas antes da assinatura do armistício e cessação completa do fogo na frente do seu regimento, o 5.º de Infantaria, pertencente à 45.ª divisão. Depois da missa, o sargento regressou ao seu posto de combate, onde foi logo mortalmente ferido pela explosão de uma granada. Foi socorrido e encontraram-lhe o seu rosário com uma medalha da Virgem. Recuperando os sentidos, por instantes e não vendo o Rosário, o sargento pediu com insistência que lho dessem, o que foi feito imediatamente. Depois de se despedir dos seus companheiros, o sargento morreu, pedindo perdão a Deus e a bênção para seus parentes.

Aldeia das Dez

BAPTISMOS — Receberam o santo baptismo: no dia 6 de Setembro Maria de Fátima, filha de Joaquim da Costa Reis e de Palmira Augusta Diniz, de Aldeia das Dez; no dia 8, Arminda Manuela, filha de Carlos Dias Alvaro e de Alzira dos Santos, do Vale de Maceira; no dia 13, José, filho de Henrique dos Santos e Lúcia da Conceição, do Avelar; e no dia 27, António, filho de Manuel Lourenço e Silvina da Anunciação, do Chão Sobral.

FALECIMENTO — No dia 5 de Setembro no lugar do Chão Sobral faleceu Maria da Piedade, de 90 anos de idade, viúva de José Castanheira.

CASAMENTO — No dia 1 de Outubro realizou-se o casamento de António Pereira, filho de António Pereira e de Eduarda de Jesus com Anunciação de Jesus, filha de António Damásio e de Ana Carolina.

FESTA — No dia 3 do corrente a povoação da Gramaça festejou o dia do seu padroeiro, S. Francisco, tendo havido Missa às 11 horas.

ANEL — No adro da igreja foi encontrado um anel que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Alvoco das Várzeas

Foram baptizados na igreja paroquial os meninos: — Armindo Augusto da Fonseca, filho dos srs. Jaime Marques da Fonseca e Arminda da Conceição da Fonseca Pereira, sendo padrinhos os srs. Armindo Marques e Maria de Lourdes Marques; — Celeste Morais de Figueiredo, filha dos srs. Salvador Figueiredo e Irene da Conceição Morais, tendo sido padrinhos os srs. Bernardino Dias Bailão Mendes e Celeste Dias de Figueiredo Bailão; — Fernando Madeira Quaresma, filho dos srs. António Madeira Quaresma e Rita da Conceição. Foram padrinhos os srs. José Luís de Moura e Maria da Anunciação Madeira.

Desejamos-lhes muitas felicidades.

Colónia de Férias dos Ardinas

Na casa do Santuário da Senhora das Preces encontra-se instalada uma colónia de férias dos ardinas de Coimbra dirigida pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Isabel Penalva da Rocha.

São 23 rapazes que estão gozando os ares puros da montanha.